ISSN: 2358-8829

TERRITÓRIO, ARTE E EDUCAÇÃO: ATIVIDADES DE EXTENSÃO COM FOCO EM ARTES NA CIRANDA DO MOVIMENTO SEM TERRA

Nayra Pisaneschi Santos [1]
Profª Drª Maria Alice Possani [2]

INTRODUÇÃO

A presente investigação acadêmica nasce do entrecruzamento entre a pesquisa em artes, a educação popular e a vivência direta no coletivo de pesquisa e extensão Teima (Território, Educação, Interdisciplinaridade, Movimento e Arte), vinculado ao Instituto de Artes da Unicamp. O coletivo germinou a partir da disciplina de Teatro na Comunidade, movido pela percepção docente de que o tempo de um único semestre letivo era insuficiente para construir uma extensão universitária que fosse, de fato, dialógica e transformadora.

Expandindo sua atuação inicial, a Teima inseriu-se na Ciranda Infantil do Acampamento Marielle Vive, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), localizado em Valinhos/SP. A história da presença da universidade neste acampamento tem raízes no ano de 2019, mas ganhou contornos de urgência social em 2021. Naquele período, a Faculdade de Educação da Unicamp passou a integrar um núcleo de assessoria técnica do Ministério Público para mediar conflitos entre o Acampamento e o poder público municipal.

As tensões envolviam violações graves aos direitos básicos das crianças acampadas. O Estado negava o direito à matrícula escolar sob a justificativa de falta de comprovante de residência e, posteriormente, suprimiu o acesso ao transporte escolar, impedindo o deslocamento das crianças até a cidade. Para além da negligência institucional, o cotidiano revelou o peso do racismo estrutural: por serem crianças

[1] Graduanda do Curso de Artes Visuais da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp n245791@dac.unicamp.br;
[2] Professora orientadora; Instituto de Artes - Unicamp, possani@unicamp.com.
[3] Trabalho submetido ao Congresso Nacional de Educação (CONEDU), Campina Grande - PB. Uma versão preliminar, focada exclusivamente no delineamento metodológico, foi apresentada no Congresso de IC da Unicamp e no SPA-USP. O presente artigo completo traz o recorte inédito das práticas pedagógicas ligadas à musicalidade, às artes visuais, ao intercâmbio territorial e à memória comunitária.

majoritariamente negras e viverem em um território de ocupação, sofriam violências simbólicas e recebiam apelidos pejorativos, discriminação que partia, inclusive, de agentes educacionais.

Atuar nesse cenário exige a compreensão de que o Acampamento não está isolado das contradições da sociedade capitalista. O território é atravessado por lógicas neopentecostais que operam na comunidade, resultando em episódios de conflito interno, como momentos em que as crianças reproduziam discursos de ódio afirmando que a prática da capoeira "não era de Deus". Diante dessas violações e da complexa disputa de narrativas internas, a universidade precisou compreender o seu papel, inserindo organicamente as linguagens do teatro e das artes visuais na rotina de encontros da Ciranda.

A Ciranda constitui-se historicamente como um espaço de educação não formal voltado a forjar um trabalho emancipatório. É neste espaço que as crianças vivenciam a construção da identidade "Sem Terrinha". O termo, cunhado inicialmente de forma pejorativa pela imprensa para acusar o movimento de promover "lavagem cerebral", foi apropriado e ressignificado pelo MST. Ao crescerem imersas na vivência da mística do movimento, essas crianças são nutridas por uma linguagem estética profundamente rica. Diante dessa premissa, o objetivo deste trabalho completo é analisar as potências e os processos educativos que emergem no momento em que esse acúmulo estético-político da infância Sem Terra se cruza com a práxis universitária extensionista, com foco na circulação de musicalidades, no intercâmbio territorial, nas artes visuais e no jogo teatral.

METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso de natureza qualitativa e crítico-exploratória. A investigação estruturou-se a partir da observação participante, alicerçada na vivência contínua como arte-educadora na Ciranda do Acampamento Marielle Vive.

Assume-se metodologicamente que pesquisar as dinâmicas de um movimento social exige uma postura que recuse o distanciamento, demandando engajamento orgânico no território. Para resguardar a integridade ética, o estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Unicamp (CAAE 93441525.2.0000.8142 /

Parecer nº 8.081.882), mediante aplicação de Termos de Consentimento Livre e Esclarecido.

O percurso desenvolveu-se em três etapas integradas. A primeira consistiu em um rigoroso levantamento bibliográfico voltado à educação popular, à arte-educação e à construção identitária Sem Terrinha. A segunda etapa materializou-se no mergulho empírico do trabalho de campo ao longo de toda a vigência do projeto. O acompanhamento da rotina da Ciranda envolveu o planejamento e a mediação de dinâmicas cênicas e visuais, documentadas sistematicamente em diário de campo e registros fotográficos.

Por fim, a terceira etapa dedicou-se à realização de entrevistas semiestruturadas com oito integrantes que constroem a base educacional da Ciranda, incluindo educadores da Unicamp (Teima Coletiva e Faculdade de Educação), mestres de capoeira e lideranças do Setor de Educação do MST. O tratamento dos dados ocorreu mediante triangulação teórica, cruzando os registros de campo e os relatos das entrevistas com as lentes conceituais adotadas pela pesquisa.

REFERENCIAL TEÓRICO

A práxis extensionista investigada neste estudo ancora-se na intersecção entre a pedagogia libertadora, as poéticas teatrais políticas e o ensino crítico das artes visuais. A base fundante das intervenções dialoga com a Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire (2021). A extensão universitária, sob a ótica freiriana, afasta-se de lógicas assistencialistas ou "bancárias", nas quais o educador depositaria o saber em um educando supostamente vazio. Na Ciranda do MST, o ensino é compreendido como a criação de possibilidades para a produção e construção de saberes, onde as crianças são reconhecidas como sujeitos históricos portadores de um vasto conhecimento prévio e de uma cultura popular que merece ser validada e ampliada.

No campo das artes cênicas, a pesquisa fundamenta-se no Teatro do Oprimido de Augusto Boal (2012). O fazer teatral não é tratado como mero espetáculo ou entretenimento passivo, mas como um "ensaio para a revolução". Boal propõe a quebra da fronteira entre palco e plateia, transformando o espectador em "espect-ator". No contexto de vulnerabilidade e resistência do acampamento, a ludicidade e o jogo dramático oferecem às crianças os recursos corporais e simbólicos para romperem a

ISSN: 2358-8829

paralisia diante do medo, permitindo que ensaiem respostas ativas frente às opressões vivenciadas no território.

Articulada a essa visão, a Abordagem Triangular sistematizada por Ana Mae Barbosa (2010) estrutura a reflexão sobre o ensino das artes visuais. A leitura da obra de arte, o fazer artístico e a contextualização histórica são transpostos para a leitura do próprio território. Como as crianças do acampamento já crescem em um ambiente saturado de cultura visual política, o papel da arte-educação é estruturar um espaço crítico para que a apreciação estética se converta em alfabetização visual e empoderamento subjetivo, auxiliando na ressignificação de traumas espaciais. Por fim, a dimensão psicológica do fazer artístico apoia-se em Donald Winnicott (1975) e sua teoria do "espaço transicional". O autor postula que o brincar e a experiência cultural habitam uma zona intermediária entre a realidade externa objetiva e a realidade psíquica interna. Na Ciranda, a atividade lúdica e artística instaura esse contorno seguro, impedindo que o trauma se instale de forma paralisante e permitindo que as infâncias processem simbolicamente as tensões sociopolíticas do acampamento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Mediação Artístico-Pedagógica e a Circulação de Contra-Narrativas

No decorrer das intervenções junto à Ciranda, a linguagem musical revelou-se um eixo propulsor de afeto e coesão coletiva. Para expandir o repertório sonoro trabalhado com os Sem Terrinha, recorreu-se a produções fonográficas disponibilizadas pelo próprio movimento. Selecionou-se a obra "Por Terra, Pão e Arte", produzida pelo Carimbó Coletivo Amazônico, cujos versos ("o meu canto vou coletivizar / levantar nossa bandeira / para a luta continuar") condensam a dimensão poética da luta pela terra.

A música funciona como um manifesto que desmonta a narrativa hegemônica, reafirmando a memória coletiva e a emancipação estética. No chão da Ciranda, a experimentação do carimbó e a adequação do ritmo aos corpos das crianças transformaram-se em elementos de afirmação identitária, permitindo que a infância local se percebesse como parte de uma malha cultural que transcende as fronteiras do seu próprio acampamento, unindo favela, campo e cidade.

ISSN: 2358-8829

A extensão universitária consolida-se como mediadora pedagógica e intercultural. O respeito às territorialidades locais atua como eixo central para a construção conjunta de sentidos (POSSANI et al., 2025). A difusão e apropriação desse acervo estético fortalecem diretamente o letramento político no território.

A Extensão Universitária como Agenciamento e Diálogo Cultural

A relação entre a universidade e os territórios populares pressupõe a superação de lógicas assistencialistas, consolidando-se como um espaço sensível de reciprocidade. Essa perspectiva materializou-se de forma contundente no "Encontro Arte e Território: Extensão, Prática Artística e Resistência", realizado na universidade. O evento articulou crianças e educadores do Acampamento Marielle Vive, da Comunidade Menino Chorão e do Assentamento Bela Vista.

O ápice desse intercâmbio ocorreu durante a apresentação do espetáculo "Passarinhos", encenado pelos adolescentes do Assentamento Bela Vista. A peça abordou temas concretos do cotidiano camponês, como a ameaça dos incêndios, uma ferida latente e compartilhada também pelas crianças do Marielle Vive. Ver o próprio contexto traduzido em dramaturgia permitiu à comunidade o exercício pleno da fruição estética, convertendo o trauma comum em um espelho poético de denúncia e acolhimento.

O agenciamento extensionista promove um fluxo direto de alteridade e escuta. O intercâmbio de práticas consolida o fazer estético coletivo, reafirmando o protagonismo comunitário na construção de suas próprias narrativas (POSSANI et al., 2025).

Artes Visuais e a Demarcação do Território: O Letreiro do Marielle

Para além das artes cênicas, as culturas visuais desempenharam um papel fundamental na materialização da resistência. Durante o Encontro Arte e Território, articulou-se uma oficina prática de grafite voltada aos adolescentes e jovens da comunidade. Munidos de tintas, sprays e um amplo suporte em lona, os jovens do acampamento trabalharam coletivamente na concepção visual e na pintura de um imenso letreiro com as palavras "Marielle Vive".

A potência dessa produção plástica revelou-se na sua transposição de volta para o território. O letreiro não figurou apenas como um registro de uma oficina extensionista; ele foi levado de volta ao acampamento e afixado na sua estrutura externa, demarcando

visualmente o espaço. A consagração do letreiro como um objeto de defesa estética e política ocorreu durante um episódio de tensão extrema, quando o acampamento recebeu a visita atípica e ostensiva de uma juíza acompanhada por policiais fortemente armados. Frente à coerção e à intimidação estatal, a lona grafitada com o nome "Marielle Vive" posicionou-se como um escudo visual da comunidade. O fazer artístico comprovou a sua validade emancipatória: os jovens utilizaram o letramento visual para responder institucionalmente à presença policial, reivindicando seu direito à existência e ao espaço físico por meio da estética urbana.

O Jogo Teatral, a Memória Comunitária e a Poética da Identidade

No âmbito das dinâmicas teatrais, a imaginação desorganiza as fatalidades impostas pela vulnerabilidade territorial. Essa potência revelou-se quando as crianças foram instigadas a criar uma cena cujo desfecho envolvia o plantio de uma árvore. Elas encenaram uma brincadeira de pular corda interrompida pela queda de uma das crianças, que simulava ter sido atingida e, em seguida, enterrada. Surpreendentemente, do corpo deitado no chão, as crianças fizeram brotar galhos e raízes cênicas, transformando a perda em uma grande árvore coletiva que abraçava e protegia os demais.

Essa construção guarda relação direta com a memória de Luís Ferreira, morador do Acampamento assassinado durante uma manifestação pacífica pelo direito à água e cujo nome batiza a escola da comunidade. A dor da morte violenta, que poderia gerar paralisia, foi ressignificada ludicamente: o luto transmutou-se em raiz, sombra e semente, afirmando a permanência e a vida.

A ludicidade atua como estrutura para a elaboração simbólica do cotidiano. A prática cênica, ao integrar-se organicamente à mística do movimento, viabiliza a organização política infantil (POSSANI et al., 2025). O jogo teatral funciona como tecnologia pedagógica inegociável de pertencimento e cuidado comunitário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso desta pesquisa e a práxis construída pela Teima Coletiva evidenciam, de forma irrefutável, que a arte-educação, quando inserida com seriedade e escuta na materialidade das lutas populares, transcende em absoluto o papel de recreação infantil.

Ao mediar a circulação estética de contra-narrativas amazônicas, ao promover o diálogo sensível entre assentamentos e acampamentos, e ao estruturar o jogo dramático como instrumento seguro de elaboração de lutos e memórias coletivas, a extensão universitária cumpriu seu papel transformador.

O contato orgânico com a Ciranda do Marielle Vive comprova que a universidade pública adentra o campo popular não para preencher vazios, mas para aprender com as pedagogias vivas e ofertar contornos poéticos para que o enorme acúmulo cultural das crianças ganhe expansão e visibilidade. As práticas teatrais e visuais consolidam-se como ferramentas de enfrentamento real às opressões estruturais, ratificando a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão na construção de uma ciência comprometida com as realidades brasileiras.

Por fim, o estudo reafirma que o direito ao lúdico, à fruição artística e à imaginação poética constitui uma dimensão inalienável da cidadania. É através do corpo em jogo e da poética da resistência que as infâncias Sem Terrinha transformam as violências impostas pelo território em criação estética, afirmando-se diariamente como sujeitos históricos e políticos plenamente capazes de anunciar a liberdade.

Palavras-chave: Arte; Educação, Movimentos Sociais, Território.

AGRADECIMENTOS

À Teima Coletiva e ao Teima em Cena, espaços fundamentais de amadurecimento; com carinho especial às colegas Isabella Hossepian e Érica Policastro pela cumplicidade. À minha orientadora, Profª Drª Alice Possani, pela escuta generosa e presença segura. Ao MST, aos Sem-Terrinha e à Ciranda do Acampamento Marielle Vive, em especial à Diene da Silva Sousa, por abrirem as portas para essa construção compartilhada. Por fim, à minha família, pelo apoio afetuoso em cada passo. Com vocês, pesquisar ganha sentido.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

BOAL, Augusto. Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas. 12. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

FIORI ARANTES, Pedro; PERCASSI, Jade; CHÃ, Ana Manuela. O agro na guerra cultural brasileira: metamorfoses do latifúndio e contra-narrativas populares. O Mosaico, [S. l.], v. 21, n. 2, p. 1-28, 2025.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

POSSANI, Maria Alice; PROCOPIO, Mariana; DIAS, Isabella; HADDAD, Bruna. Ato criativo como processo pedagógico e coletivo na extensão universitária: a Escolinha de Artes da Comunidade Menino Chorão. +E: Revista de Extensión Universitaria, v. 15, n. 22, e0012, p. 1-18, 2025. DOI: 10.14409/extension.2025.22.Ene-Jun.e0012.

SOUZA, Alinne Martins de. Palavras de ordem como expressões musicais: Sem Terrinha em movimento, brincar, sorrir e lutar, por reforma agrária popular. O Mosaico, [S. l.], v. 21, n. 2, p. 1-29, 2025.

WINNICOTT, Donald Woods. O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1975.